

TODES ELUS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE O EMPREGO DO GÊNERO NEUTRO NO TWITTER¹**TODES ELUS: A SOCIOLINGUISTIC ANALYSIS ABOUT GENDER-NEUTER MARKING ON TWITTER**Diovana da Silveira BALDEZ²

RESUMO: Este estudo busca investigar o emprego do gênero neutro no português (marca *-e* e pronomes neutros) sob a ótica teórica-metodológica da Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), com foco nas Comunidades de prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b). Para a observação dessa variante, foi realizada a coleta de 3.446 ocorrências de pronomes, adjetivos e substantivos presentes em tuítes de três sujeitos, usuários da rede social Twitter, durante o segundo semestre de 2020. Como critério de seleção, consideraram-se tuítes que continham pronomes, adjetivos e substantivos cujo referente era humano (traço [+sexuado]), nos quais a distinção de gênero ocorria por flexão. Foram contempladas as variáveis predictoras Participante, Classe Morfossintática, Item Lexical, Tópico do tuíte e a referência desempenhada pela marcação de gênero (genérica ou específica). Adicionalmente, buscou-se controlar a existência ou não de reflexão metalinguística nos tuítes constitutivos da amostra. O tratamento estatístico foi conduzido por meio do *software R*, através da interface *RStudio*. Como resultados, constatou-se que nenhum item lexical favorece o emprego da variante neutra, mas a classe morfossintática de Adjetivo, os tópicos de Identidade e Relacionamento afetivo, bem como a referência genérica performada pela marcação de gênero atuam como condicionadores do emprego do gênero neutro.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero neutro. Marcação de gênero. Variação linguística. Comunidades de prática.

ABSTRACT: This study seeks to investigate the use of the gender-neuter in Brazilian Portuguese (the *-e* mark and neuter pronouns) from the theoretical-methodological perspective of the Theory of Variation (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), with a focus on Communities of practice (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b). During the second half of 2020, were collected 3,446 occurrences of pronouns, adjectives, and nouns in tweets of three subjects, users of the social network Twitter. As a selection criterion, we considered tweets containing pronouns, adjectives, and nouns whose referent was a human, in which gender distinction occurred by morphological markers. The predictor variables stipulated were participant, morphosyntactic class, lexical item, the tweet topic, and the reference performed by gender marks (generic or specific). Additionally, we aimed to control the existence or not of metalinguistic reflection in the tweets sample. The statistical treatment was conducted through the R software, through the RStudio interface. As a result, it was found that no lexical item favors the use of the neutral variant, but the morphosyntactic class of adjective, the

1. Esta pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPES), Código de Financiamento 001. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil), sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 45742021.7.0000.5336.

2. Mestra em Letras com concentração em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Bolsista CAPES/PROEX); Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Email: diovana.baldez@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6091-2683>.

topics of identity and affective relationship, as well as the generic reference performed by gender marking act as conditioners for the use of gender-neuter.

KEYWORDS: Gender-neuter. Gender marking. Linguistic variation. Communities of practice.

Introdução

Tornou-se nos últimos anos tópico de discussões políticas e ideológicas o uso/proibição de uma referida linguagem neutra, que consiste, de modo geral, no emprego da marca *-e* ao fim de palavras caracterizadas por distinguir gênero por flexão (como em *menino*, *menina*, *menine*) e no uso de pronomes neutros (como *elu*, *ilu*, *mi*, *sue* etc.). Utilizados pela comunidade não-binária e LGBTQIA+, de forma geral, esses empregos linguísticos têm ganhado espaço nas redes sociais por meio de *posts* cujo objetivo volta-se para a explicação acerca do funcionamento da marcação de gênero neutro, caracterizando um movimento de apropriação da língua portuguesa em oposição à tradição gramatical e aos valores nesta implícitos. Ainda, embora alternativas de neutralização de gênero tenham surgido em um primeiro momento nas redes sociais, sendo utilizadas por um grupo mais restrito de pessoas, o emprego da linguagem neutra acabou se estendendo a entidades e comunicadores de ampla visibilidade, como, no início de 2023, à equipe de eventos do governo Lula. Esse cenário contribui para que o gênero neutro deixe de ser um debate exclusivo das redes sociais, tornando-se um elemento presente na prática linguística e metalinguística de grupos de pessoas.

Por outro lado, a popularização da linguagem neutra tem mobilizado diversos políticos a propor leis que visam à proibição de marcas neutras de gênero em escolas, fundamentadas em discursos de natureza ideológica e normativa, com pouco ou nenhum embasamento linguístico que contemple o funcionamento das línguas naturais. Como exemplo, Carlos Bolsonaro afirma em seu projeto de lei (RIO DE JANEIRO, 2020) que o gênero neutro corrompe as regras gramaticais estabelecidas no país e inexistente na língua portuguesa, justificando que a vedação da marcação de gênero neutro é uma forma de defesa da “educação correta e regular” da língua portuguesa, bem como “dos valores das famílias brasileiras”, “detentoras do direito inalienável de uso do Português na forma e no conteúdo corretos, sem perversões e alterações maliciosas e progressistas de suas bases” (RIO DE JANEIRO, 2020). Conforme Barbosa (2022, p. 157), é no campo ideológico que se situam projetos de lei dessa natureza, caracterizando “uma disputa político-ideológica que desemboca em uma política de língua”, de modo que a disputa não visa à preservação da língua em si, mas dos valores que se supõe perder caso haja uma incorporação do gênero neutro no português.

Essa disputa acentua ainda mais um preconceito já existente contra as pessoas que majoritariamente utilizam a linguagem neutra: a comunidade LGBTQIA+, ou, mais especificamente, indivíduos cuja identidade de gênero transpassa noções binárias e cisgêneras. Segundo Bernini (2011, p. 20), a concepção normalizada de que gênero, sexo biológico e orientação sexual se re-

duzem à binariedade e heteronormatividade, chamada pelo autor de *sistema binário sexual*, tem como consequência “uma hierarquia machista e heterossexista que atribui aos homens heterossexuais o status de identidade majoritária, e às outras identidades resultantes da composição desses termos [...] o status de minorias morais”. Tendo isso em vista, identidades de gênero que não se limitam a uma noção binária estão situadas em uma posição marginalizada, passíveis à repressão e/ou ao estranhamento social por diferirem do padrão concebido pelo sistema binário sexual.

Dado esse contexto, o presente trabalho emerge da necessidade social de se discutir sobre variação e marcação de gênero neutro por meio de uma perspectiva científica, que privilegie a explicação de fenômenos da língua tomando por base abordagens linguísticas. Para tanto, propõe-se a realização de uma análise de cunho sociolinguístico sobre o emprego de formas neutras de gênero no Twitter, consideradas neste estudo como a utilização da flexão *-e* em adjetivos e substantivos, bem como a neutralização de pronomes por meio da modificação destes, apresentando uma descrição acerca dos usos metalinguísticos do gênero neutro, ou seja, como o gênero neutro é utilizado conscientemente para propor discussões sobre a linguagem neutra. Toma-se como base teórica-metodológica a Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e as Comunidades de Prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b), abordagens sociolinguísticas que observam a língua em uso, por meio das quais é possível determinar o papel condicionador de variáveis linguísticas no emprego do gênero neutro, que pode ser considerado como um recurso para construção de identidades individuais e grupais.

1 Sobre gênero em português

Tendo em vista o grupo de palavras cuja flexão de gênero é marcada por meio dos morfemas *-o* (masculino) e *-a* (feminino), como se observa em *garoto/garota*, Camara Jr. (1970) considera que a oposição entre os gêneros gramaticais masculino e feminino é demarcada por meio da adição do sufixo flexional *-a* com a supressão da vogal temática no singular, como em *lob(o) + -a*, que resulta em *loba*. Por essa perspectiva estruturalista, a forma masculina é concebida como não marcada, gramaticalmente neutra, sendo utilizada de forma genérica, uma vez que é assinalada por um morfema gramatical zero (Ø) (CAMARA JR., 1970).

Já Schwindt (2020a), ao observar a frequência de nomes de traço [+sexuado] no Dicionário Aurélio Eletrônico e no banco de dados do VARSUL, constata que, embora caracterizem minoria no português, os nomes desse grupo são compostos predominantemente por formas masculinas. Considerando que a marcação de gênero tende a ser semântica nesses casos, ou seja, baseia-se na relação entre gênero gramatical e gênero social do referente, têm-se em vista que a predominância do gênero masculino nesses nomes pode contribuir para uma visão androcêntrica da língua. Segundo Schwindt (2020a, p. 293), nos nomes sexuados, de grande relevância semântico-cognitiva, “há prevalência de masculino, assegurando, talvez, para muitos, a percepção de uma língua masculinizante de modo geral”. Isso ocorre devido à saliência cognitiva re-

lativa ao traço [+sexuado], relacionada à intuição dos falantes sobre um sistema binário, que associa nomes terminados em *-a* ao gênero feminino e em *-o* ao masculino (SCHWINDT, 2020a).

Pode-se considerar, tendo em vista esses aspectos relativos a gênero no português, que a noção do gênero masculino como não-marcado juntamente à saliência cognitiva relativa a palavras de traço [+sexuado] podem contribuir para o sentimento de que o gênero masculino predomina no português, uma vez que o gênero feminino e outras possibilidades de gênero são invisibilizadas por meio do uso do masculino genérico. Essa noção é essencial para a compreensão acerca do surgimento de formas inclusivas de linguagem e alternativas de neutralização de gênero, pois a dominância do gênero masculino no discurso pode ser associada, levando em consideração os valores simbólicos que a língua em uso assume, à predominância também da figura masculina no meio social, sendo o emprego de outros gêneros uma forma de demarcar na língua oposição a esses valores.

A partir desse contexto, propostas de uso de um gênero neutro em português vêm surgindo primeiramente através da inclusão de caracteres como “x” e “@” ao fim de adjetivos e nomes, por meio dos quais o morfema de gênero masculino ou feminino é omitido e substituído por um desses símbolos. Mais recentemente, popularizou-se o uso da marca *-e* como amplificação dos morfemas já existentes, utilizada juntamente a pronomes modificados (como *mi*, *ile*, *elu* etc.) para representar o gênero neutro. De acordo com Schwindt (2020b), esses empregos podem ser compreendidos como uma estratégia de neutralização de gênero por meio de uma terceira marca além da masculina e feminina.

É importante considerar, entretanto, que o gênero no português, mais do que uma informação lexical, é um mecanismo gramatical. No caso de neutralização por “@”, “x” ou *-e*, podem surgir complicações relacionadas à determinação por artigos e pronomes, bem como à retomada pronominal, conforme Schwindt (2020b, p. 17) exemplifica: “Meus(?) dois(?) amigos mais próximos, Vini e Léó, chegaram. Preciso dar atenção a eles(?)”. Nesse exemplo, a neutralização dos determinantes e do pronome em função anafórica se mostra um processo complexo, que não se reduz apenas à adição da vogal *-e*. Casos como esse evidenciam que o uso de marcas neutras de gênero depende, em certa medida, de aprendizado formal, não sendo completamente intuitivo.

Por outro lado, do ponto de vista simbólico, Santana (2021) considera o emprego do gênero neutro em português como um ato de luta, que traz à tona as condições sociais dos indivíduos da comunidade LGBTQIA+ e o movimento por equidade de direitos. Assim sendo, o uso de gênero neutro transpassa aspectos gramático-normativos, situando-se na dimensão interacional e ideológica da língua (SANTANA, 2021), por meio da qual se materializam valores e se traçam embates ideológicos. Nesse sentido, o emprego do gênero neutro associa-se à língua como uma prática social, permeada pelas disputas de poder e de hegemonia ideológica, conforme Lucchesi (2021), uma vez que argumentos de ordem estruturalista (como o de que o gênero masculino é não marcado, portanto neutro) não mudam as implicações ideológicas e simbólicas de seu uso, implícitas na língua.

Nesse sentido, como uma prática social, condicionada pelos valores de seus falantes em sociedade, a língua torna-se expressão de diferentes percepções do mundo, sendo a marcação de gênero neutro uma dessas expressões linguísticas em oposição à percepção cis-heteronormativa, normalizada na sociedade ocidental.

2 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Considerando a língua em uso, caracterizada pela heterogeneidade e mudança, toma-se a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), com foco nas Comunidades de Prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b) como base metodológica e teórica para o presente estudo, por meio da qual torna-se possível compreender o processo de variação linguística a partir de sua sistematização. Por essa perspectiva, o emprego da marcação neutra e da neutralização de pronomes contemplados neste trabalho podem ser observados pela ótica da Teoria da Variação e Mudança Linguística, partindo do princípio de que esses usos caracterizam um processo de variabilidade no Português Brasileiro, expressando uma terceira marcação de gênero.

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (1968), o processo de mudança linguística inicia-se quando um dos traços da variação se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala e assume caráter de diferenciação ordenada, podendo simbolizar valores sociais ligados àquele grupo. Relacionando essa afirmação com o uso do gênero neutro, pode-se considerar que a adoção da marcação neutra de gênero tornou-se parte constituinte da prática linguística de pessoas de identidade de gênero não-binária e de membros da comunidade LGBTQIA+, bem como de seus apoiadores de forma geral, representando valores em conflito com a cis heteronormatividade, característicos dos grupos em questão.

É por meio de ambientes virtuais, como o Twitter, que esses grupos colocam em pauta questões como visibilidade, respeito e equidade de gênero às pessoas de identidade de gênero não-binária, compondo uma comunidade na medida em que compartilham de práticas e de valores semelhantes. Por essa perspectiva, compreende-se que a marcação de gênero neutro atua, no interior da comunidade referida, como um fenômeno de variação linguística, tendo em vista que o processo de variação envolve a transferência de traços linguísticos inovadores de um falante para outro em uma comunidade, caracterizando-se pela existência de duas ou mais variantes simultâneas, até que uma possível mudança se concretize e torne uma das formas obsoleta (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Essa noção de comunidade pode ser associada às comunidades de prática, por meio das quais significados sociais, valores simbólicos e identidades são construídos constante e mutualmente (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992b), sendo o emprego da marcação de gênero neutro, nesse contexto, ao mesmo tempo um ato de existência e uma expressão linguística característica, que representa os valores compartilhados pela comunidade.

Tendo isso em vista, a marcação de gênero neutro ocorre em alternância com os gêneros feminino e masculino em dois contextos: (1) em oposição às marcações feminina e masculina quando em referência a sujeitos de identidade de gênero não-binária; e (2) em oposição à marcação masculina quando em referência a grupos compostos por pessoas de gênero desconhecido e/ou variado. Há coexistência, portanto, de variantes que podem ser empregadas nos mesmos contextos de maneira alternada, mas cuja escolha representa valores sociais distintos, associados ou não à comunidade de prática que contempla as pessoas de identidade de gênero não-binária.

Sendo assim, apoia-se na noção de heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) para a descrição e explicação da marcação do gênero neutro em tuítes produzidos em língua portuguesa, de acordo com a qual a variação encontrada nas línguas é condicionada por elementos tanto linguísticos quanto sociais, passíveis de identificação e descrição. A possibilidade de descrição ordenada da heterogeneidade presente na língua de uma comunidade é a chave, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), para uma concepção racional acerca da variação e mudança linguística: processos inerentes à língua, que ocorrem motivados por fatores de ordem linguística e extralinguística.

3 Método

3.1 Amostra

A amostra constitui-se de tuítes: textos de até 280 caracteres da rede social Twitter. Compõem o corpus deste estudo tuítes publicados durante o segundo semestre de 2020 contendo substantivos e adjetivos nos quais o gênero gramatical (feminino: *-a*, masculino: *-o*, ou neutro: *-e*) ocorreu por flexão (ex.: “sou **péssimo** na cozinha [...]”, “eu, quando qualquer mutual é **fofinhe** [...]” e “que **linda!**”), bem como pronomes (ex.: “[...] por que? **elu** tem razão [...]”, “se vc me considera **sue** amigue [...]”) cujo referente remete a um ser humano (traço [+sexuado]). Cada palavra destacada nos exemplos apresentados acima constitui uma unidade de análise, ou seja, uma ocorrência, de modo que o foco deste trabalho recai sobre os substantivos, adjetivos e pronomes que se encaixam nos critérios aqui apresentados.

Esse recorte teve como objetivo delimitar o contexto no qual a marcação de gênero neutro está mais propensa a ocorrer, visto que o gênero neutro é utilizado atualmente em circunstâncias específicas, como para a referência de uma pessoa de identidade de gênero não-binária e de um grupo composto por indivíduos de gênero desconhecido/variado.

3.2 Participantes

Foram selecionados, de forma aleatória, três sujeitos, usuários da rede social Twitter que, por meio das ferramentas da plataforma (tais como a biografia, a localização, o tuíte fixado

etc.), expressaram explicitamente preferência pelo uso dos pronomes neutros “Elu”, “El”, “Ilu” ou “Ile” para referência própria. Considerou-se que, por incluírem alguma referência direta à marcação neutra no perfil da rede social, os sujeitos aderiram ou estão em processo de adesão da variação investigada nesta pesquisa, associando-se, portanto, à comunidade de prática que contempla pessoas não-binárias.

Como critérios de seleção, consideraram-se: (1) idade do participante, que deveria ser superior a dezoito anos; (2) data de criação da conta na rede social Twitter, que deveria ser anterior a 2020; (3) número de tuítes realizados na conta, que deveria ser expressivo: superior a cinco mil; e (4) atividade de postagem do participante, que deveria ser ativa e frequente até a data estipulada para coleta.

Os sujeitos selecionados foram convidados a responder a uma ficha social, cujas informações seguem abaixo:

Participante A: natural de Varginha – MG; nascido no ano de 1995 (27 anos na época da coleta); nível superior; desempregado. Identifica-se como transgênero não-binário alinhado ao masculino. Tem interesse em pautas sociais voltadas para a comunidade LGBTQIA+ e neurodiversidade. Participa ativamente de comunidades online voltadas para temáticas de identidade de gênero e sexualidade, bem como aplica a marcação de gênero neutro em suas práticas linguísticas nas redes sociais.

Participante B: natural de São Paulo, capital; nascido no ano de 2002 (19 anos na época da coleta); nível superior; desempregado. Identifica-se como agênero. Tem interesse em pautas sociais voltadas para a comunidade LGBTQIA+ e neurodiversidade.

Participante C: natural da cidade de Rio de Janeiro – RJ; nascido no ano de 2001 (20 anos na época da coleta); nível superior; desempregado. Identifica-se como homem-cis. É simpatizante do movimento LGBTQIA+, do qual faz parte, mas nunca participou de comunidades online voltadas para o debate sobre identidade de gênero e sexualidade. Produz tuítes com o objetivo de explicar o funcionamento do gênero, no formato de *threads* que buscam abordar questões acerca da linguagem neutra.

3.3 Variáveis analisadas

Como variável resposta delimitada neste estudo, considerou-se a marcação de gênero realizada por meio de flexão em pronomes, substantivos e adjetivos cujo referente é humano, caracterizado pelo traço [+sexuado], de modo que se apresentam como possibilidades de realização o gênero neutro e outros gêneros (feminino e masculino), como exemplifica-se a seguir:

A) Gênero neutro: “[...] tentaram me convencer que eu estava **errade** [...]”, “[...] **el** posta umas coisas legais também!”

B) Outros gêneros: “[...] eu fico **emocionado**”, “que **menina** insuportável [...]”

Como gênero neutro consideraram-se palavras marcadas pela flexão *-e*, bem como pronomes modificados por meio de estratégias de neutralização. Possíveis variações na aplicação da forma neutra por flexão nas quais poderia ser observado o emprego de outras vogais como alternativa de neutralização também foram levadas em conta, tal qual *-u*³, por exemplo. Outras possibilidades contendo caracteres como “x” e “@” ou alternativas contendo dois gêneros (*amigos e amigas, todas e todos*) não foram contempladas pela variante de gênero neutro. Em relação à variante outros gêneros, foram considerados apenas os gêneros gramaticais feminino e masculino.

As variáveis previsoras controladas foram Participante (A, B e C); Tipo de Item Lexical (variável aleatória); Classe Morfossintática (substantivo, adjetivo, pronome); Tópico (identidade, cotidiano e mídia social, relacionamento afetivo, relações gerais) e Marcação de Gênero em Referência Genérica ou Específica.

Além disso, criou-se, com base no fator identidade, referente à variável Tópico, uma variável denominada Metalinguística, que buscou delimitar, dentro dos tuítes que tratavam de temas relacionados à identidade, quais apresentavam em alguma medida uma reflexão acerca da língua e de gênero gramatical ou comentavam sobre o tema. Elaborou-se essa variável de modo a tornar possível verificar em que medida os participantes se mostram conscientes ou não em relação aos próprios usos linguísticos e de que maneira refletem ou não sobre isso no Twitter.

Os dados coletados foram submetidos ao *software R* (versão 4.1.2) por meio da interface *RStudio*. Para a realização da análise estatística, os dados coletados, organizados em uma planilha no Excel, foram convertidos em formato “.csv” e submetidos às funções *table()*, *prop.table()* e *ggplot()* para organização de tabelas, cruzamento de variáveis e elaboração de gráficos, sendo a regressão logística realizada por meio da função *glmer()*.

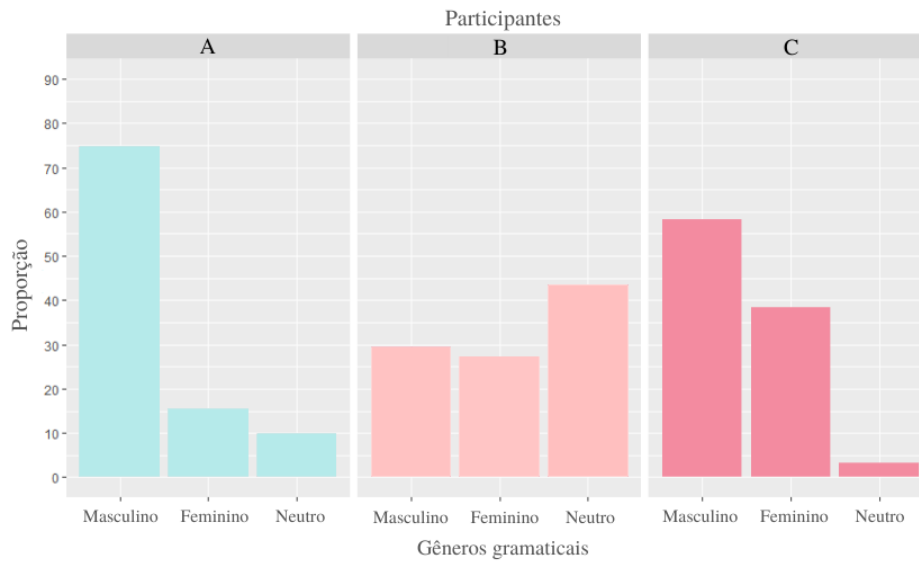
4 Análise dos resultados

4.1 Variável Participantes

Ao total, foram observadas nos tuítes produzidos pelos três participantes, durante o segundo semestre de 2020, 3.446 ocorrências de substantivos, adjetivos e pronomes com marcação de gênero masculina, feminina ou neutra, que apresentavam como referentes seres humanos. A distribuição de uso dos gêneros gramaticais masculino, feminino e neutro por participante é apresentada a seguir por meio do Gráfico 1:

3. Um exemplo desse uso foi observado nas palavras *meninu* e *sensatu*, nas quais a vogal *u* foi utilizada como uma alternativa à marca *-e* para neutralização.

Gráfico 1 - Proporção de Gênero Gramatical por Participante (A, B e C)



Fonte: Baldez (2022, p. 84).

Conforme as proporções indicadas no Gráfico 1, de 1.458 dados coletados referentes ao Participante A, 1.091 (74,8%) foram marcados na forma masculina, 224 (15,3%) na forma feminina e 143 (9,8%) na forma neutra. Em relação ao Participante B, de um total de 821 dados, observou-se 241 (29,3%) ocorrências de gênero masculino, 224 (27,2%) de gênero feminino e 356 (43,3%) de gênero neutro. No que se refere ao Participante C, constatou-se, de um total de 1.167 dados, 680 (58,2%) ocorrências de gênero masculino, 448 (38,3%) de gênero feminino e 39 (3,3%) de gênero neutro.

Com exceção do Participante B, a distribuição apresentada no Gráfico 1 aponta um maior número de ocorrências de gênero masculino, seguido pelos gêneros feminino e neutro. Ainda assim, é possível observar que o Participante A faz um uso mais expressivo da marcação masculina (74,8%), o que pode ser associado à identidade de gênero do próprio participante. Apesar de se situar no espectro não-binário, aceitando a utilização do gênero neutro para referência própria na rede social, o Participante A reconhece-se como mais alinhado ao gênero masculino, o que, em sua prática linguística no Twitter, implica em um alto índice de uso do gênero gramatical masculino, principalmente em textos cujo referente é o próprio enunciador, como é exemplificado a seguir:

(1) Participante A: “eu sou **alérgico**, não tem como eu ficar **calmo** kkk”

Em (1), as palavras destacadas são marcadas na forma masculina pelo Participante A em referência a si próprio, o que parece indicar, considerando também o conjunto total dos dados, que o próprio participante prefere a marcação masculina e a usa com frequência quando se refere a si mesmo. Isso explica a alta quantidade de ocorrências masculinas observadas no Gráfico 1.

O Participante B, por outro lado, apresenta uma distribuição de dados por gênero bastante diferente das observadas em relação aos participantes A e C, de acordo com a qual 43% dos dados observados caracterizam-se pela marcação do gênero neutro, enquanto as formas masculina e feminina correspondem às proporções de 29,3% e 27,2% respectivamente. Tendo em vista o número total das ocorrências, verifica-se que a maior parte das ocorrências da variante neutra é observada nos dados relativos ao Participante B, responsável por 356 ocorrências de gênero neutro do total das 538 que compõem a amostra.

O alto índice de uso da marcação de gênero neutro para o Participante B parece se associar às identidades de gênero do próprio participante, que se identifica como agênero, e de seu parceiro, frequentemente mencionado nos tuítes que compõe a amostra, conforme o exemplo abaixo:

(2) Participante B: “**mi** crush disse que sou **fofe**”

Em (2), as palavras destacadas são marcadas na forma neutra pelo Participante B em referência a seu parceiro e a si próprio, o que indica, conforme o conjunto de dados observados em relação a esse sujeito, que o Participante B prefere a marcação de gênero neutro e a usa com frequência quando se refere a si mesmo e a seu parceiro.

No que diz respeito ao conjunto de dados referente ao Participante C, observa-se uma distribuição de dados por gênero semelhante à do Participante A, com prevalência de uso do gênero gramatical masculino seguido pelo feminino e neutro. As ocorrências de gênero masculino e feminino, por outro lado, aproximam-se mais entre si em comparação aos dados referentes ao Participante A, representando respectivamente 58,2% e 38,3% do total de dados para esse sujeito, sendo a marcação de gênero neutro a menos utilizada entre os três participantes, caracterizando apenas 3,3% dos dados relativos ao Participante C.

Semelhante ao Participante A, o Participante C utiliza o gênero masculino para se referir a si mesmo, o que contribui para a existência de um número mais alto de ocorrências para esse gênero conforme retratado no Gráfico 1. Apesar de esse participante sinalizar em seu perfil no Twitter que aceita ser referido por meio do uso de pronomes neutros, ele mesmo utiliza o gênero neutro para se referir a si próprio em apenas uma ocorrência das 39 ocorrências de gênero neutro observadas ao total, transcrita abaixo:

(3) Participante C: “Nos mantem **atualizados** por favor”

Conforme apresentado em (3), o adjetivo “atualizado” foi marcado na forma neutra em concordância com a primeira pessoa do plural para a referência de um grupo de pessoas cujo gênero é variado, em referência generalizadora. Em referência específica, o Participante C não utiliza a marcação de gênero neutro para referência própria nenhuma vez, mas apenas para a referência de indivíduos de identidade de gênero não-binária na segunda ou terceira pessoa.

Tendo em vista os dados dos três participantes, é relevante sinalizar que, ao observar as proporções de uso de gêneros gramaticais considerando o gênero neutro em contraste aos outros gêneros (feminino e masculino), a marcação de gênero neutro ainda é menos utilizada do que os outros gêneros mesmo para o Participante B, que apresenta um número elevado de ocorrências na forma neutra. Tal dado evidencia que, embora os participantes adotem a marcação de gênero neutro em seus tuítes, os gêneros gramaticais masculino e feminino se mantêm presentes em número expressivo, caracterizando a maioria dos dados observados nesta amostra.

4.2 Análise Multivariada

A fim de verificar de que forma as variáveis Item Lexical e Participante poderiam exercer influência sobre o emprego do gênero neutro, elaborou-se um modelo de regressão logística contendo as variáveis citadas como efeitos aleatórios juntamente das variáveis Classe Morfosintática, Tópico, Marcação de Gênero em Referência Genérica ou Específica. Os resultados são apresentados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Classe Morfosintática, Tópico e Referência Genérica/Específica (Item Lexical e Participante como variáveis aleatórias)

| | Estimativa | Erro padrão | Valor-z | p | | Ocorrências de gênero neutro/Total | |
|--|-------------------|--------------------|----------------|----------|-----|---|---------|
| (Intercept) | -3,45 | 0,69 | -4,94 | < 0,001 | *** | | |
| Classe morfosintática | | | | | | | |
| Substantivo (ref.) | | | | | | 117/556 | (21%) |
| Pronome | 0,22 | 0,37 | 0,58 | 0,56 | | 156/1.048 | (14,8%) |
| Adjetivo | 0,81 | 0,24 | 3,32 | < 0,001 | *** | 228/1.618 | (14%) |
| Tópico | | | | | | | |
| Relações gerais (ref.) | | | | | | 81/949 | (8,5%) |
| Relacionamento afetivo | 2,64 | 0,22 | 11,8 | < 0,001 | *** | 195/281 | (69,3%) |
| Cotidiano e Mídia social | 0,16 | 0,17 | 0,95 | 0,34 | | 164/1.732 | (9,4%) |
| Identidade | 1,44 | 0,23 | 6,28 | < 0,001 | *** | 61/260 | (23,4%) |
| Marcação de gênero em referência genérica ou específica | | | | | | | |
| Referência específica (ref.) | | | | | | 418/2.845 | (14,6%) |
| Referência genérica | 0,72 | 0,18 | 4,03 | < 0,001 | *** | 83/377 | (22%) |
| Modelo: <code>glmer(formula = VD ~ CLASSE + TOPICO + GENERICO + (1 PARTICIPANTE) + (1 ITEMLEXICAL)</code> , family = binomial, data = dados) | | | | | | | |

Fonte: Baldez (2022, p. 127).

De acordo com a Tabela 1, observa-se, em relação ao *intercept*, favorecimento do emprego do gênero neutro para todos os fatores, sendo os Tópicos de Relacionamento Afetivo e Identidade os que apresentam estimativas mais altas indicativas de favorecimento (respectiva-

mente, 2,64 e 1,44 *logodds*). Com valor-*p* significativo, são observados os fatores Adjetivo (14% (228/1.618)), Relacionamento Afetivo (69,3% (195/281)), Identidade (23,4% (61/260)) e Referência Genérica (22% (83/377)), todos em posição de favorecimento em relação à variante neutra.

No que concerne à variável Tópico, verifica-se que o gênero neutro é empregado em discussões envolvendo identidade de gênero e aspectos identitários, práticas associadas à comunidade de indivíduos de identidade de gênero não-binária e de seus apoiadores. Nesse sentido, esse resultado indica que a marcação de gênero neutro se associa ao tópico de Identidade, sendo as ocorrências relativas a esse fator consideradas exemplos de práticas a favor de discussões voltadas para questões da comunidade, como observa-se em: “Se você não é contra aros, aces, intersexos, **não-binários** e xenogêneros então pq, **minhe filhe**, vc se diz anti-mogai??”; “**amiguinhos** bigêneros, me tirem uma dúvida? é possível ser demiboy + alguma coisa? [...]” e “[...] hétero na hora de corrigir o amigo homofóbico, de defender o amigo LGBTQ+, fica como? **Caladinhe**.”, por exemplo.

No que se refere a Relacionamento Afetivo, o favorecimento da marcação neutra constatado se relaciona ao resultado já apresentado na seção anterior, sobre a variável Participantes, considerando que grande parte dos tuítes do Participante B consiste em temas que contemplam a relação dele e de seu parceiro, sendo o gênero neutro empregado para referência de ambos.

Observou-se também relevância estatística para a classe morfosintática Adjetivo, que é a classe que conta com o maior número de ocorrências na forma neutra. Quanto ao resultado relativo ao fator Referência Genérica, evidencia que, ao realizar generalizações, o gênero neutro é empregado em alternativa ao masculino genérico pelos participantes deste estudo. É importante considerar, entretanto, que o emprego do gênero neutro em Referência Específica depende de um contexto comunicacional específico, que contempla a referência a alguma pessoa de identidade de gênero não-binária. Se o participante não estiver interagindo com ou se referindo a um indivíduo específico que prefira a marcação neutra para referência própria, não será observado o uso do gênero neutro em Referência Específica. A Referência Genérica, por outro lado, não possui emprego tão limitado, de modo que, para que haja ambiente no qual pode ser observado seu uso, basta o participante fazer referência a pessoas de gênero variado ou desconhecido.

4.3 Item Lexical

Se tratando da variável Item Lexical, foram observados 46 *types* marcados com gênero neutro na amostra referente ao Participante A, 108 *types* na amostra referente ao Participante B e 20 *types* na amostra referente ao Participante C, de um total de 480 *types* que compõem o conjunto total de dados, considerando todos os gêneros.

As palavras que mais ocorrem na forma neutra para o Participante A são “Lindo”, ocorrendo 23 vezes para a variante neutra de um total de 96 ocorrências (como em “é uma **linde**”), “Amigo”, ocorrendo 20 vezes de 80 ocorrências ao total (como em “o que eu não faço pelos **amigues**”), e “Meu”, ocorrendo 13 vezes de 43 ocorrências ao total (como em “[...] **Minhe** filhe

eu levo TUDO para o lado pessoal”). Além dessas, também se destacam as palavras “Querido” (como “você é muito **queride**”), com 7/13 ocorrências, e “Fofó” (como “que **fofinhe** amg!”), com 9/48 ocorrências.

Para o Participante B, observa-se a predominância das palavras “Namorado” (como em “mi **namorade** vai ver isso comigo [...]”) e “Meu” (como em “pessoal eu amo **mi** namorade [...]”), ocorrendo na forma neutra respectivamente 65 vezes de 71 e 61 vezes de 106. Também se destacam as palavras “Ele”, com 37 ocorrências de gênero neutro de um total de 148 (como em “gosto de fazer tudo com **elu**”), “Obrigado”, com 20 ocorrências na forma neutra de 20 ocorrências observadas ao total (como em “Eu vou olhar! **Obrigade!**”), e “Bruxo” com 9 ocorrências na forma neutra de um total de 12 (como em “é pedir muito ter uma floresta cheia de **bruxes** aqui perto [...]).

Um dado interessante quanto à amostra desse participante foi o emprego de gênero neutro na palavra “artista”, realizado duas vezes como “artiste”. Apesar de ser uma palavra que não apresenta flexão de gênero, não caracterizando oposição entre gênero masculino e feminino, o Participante B adiciona a marca *-e* no lugar da vogal temática *a* enfatizando a identidade não-binária do artista referido, conforme se observam nas ocorrências “[...] façam uma **artiste** feliz com seus likes” e “precisa de uma **artiste** muito talentosa [...]”.

Quanto ao Participante C, há a predominância do pronome “Ele” (ex: “falaria ‘todes **elus** lá’ pq não gosto de generalizar pelo masculino”) marcado na forma neutra, observado em 16 de 361 ocorrências para esse item lexical. Com exceção do item léxico “Dele” (ex: “o que você acha **delu?**”), que ocorre duas vezes marcado com o gênero neutro, todas as outras palavras marcadas com gênero neutro são observadas apenas uma vez cada. Há, nesse caso, uma concentração de ocorrências de gênero neutro relativa ao item léxico “Ele”.

Considerando as ocorrências observadas para os três participantes, ressalta-se a ausência da forma neutra em alguns pronomes demonstrativos e clíticos. Mais especificamente, os pronomes “Esse”, “Lo/o”, “Desse”, “Nesse” e “Deste” não ocorreram na forma neutra nenhuma vez, de modo que não foi possível depreender nos tuítes coletados para esta pesquisa o padrão adotado para a aplicação da marcação neutra nas palavras mencionadas. Considera-se possível que, em pronomes nos quais a marcação de gênero não é tão intuitiva, o gênero neutro pode não ocorrer (como observado em relação aos pronomes “Esse”, “Lo/o”, “Desse”, “Nesse” e “Deste”) ou variar (como observado em relação ao pronome possessivo “Meu”, realizado como às vezes como “mi” e outras como “minhe”, sem que fosse possível depreender em que ambiente uma ou outra forma ocorre com base na amostra deste estudo).

Adicionalmente, buscou-se delimitar se algum(s) dos 480 *types* que compõem a variável Item Lexical favorece o uso do gênero neutro, considerando-se a possibilidade de a forma neutra ocorrer com maior frequência em palavras específicas. Para tanto, foi aplicada a função coef() no modelo de regressão apresentado na Tabela 1, por meio do qual é possível observar os modelos ajustados. De acordo com os coeficientes angulares constatados para os itens léxicos referentes à variável Item Lexical, verifica-se que nenhuma palavra atua em favorecimento da

marcação neutra, conforme registrado a seguir na Tabela 2, que exibe as cinco palavras que se mostraram mais próximas a um contexto de favorecimento.

Tabela 2 – Coeficientes angulares referentes a Item Lexical (em ordem decrescente)

| Item Lexical | Intercept |
|--------------|-----------|
| Namorado | -1,43 |
| Querido | -1,70 |
| Junto | -1,90 |
| Bruxo | -2,14 |
| Lindo | -2,24 |

Fonte: Baldez (2022, p. 129).

Os itens lexicais que apresentaram valores relativos ao *intercept* mais altos foram, em ordem decrescente, “Namorado” (-1,43 *logodds*), “Querido” (-1,70 *logodds*), “Junto” (-1,90 *logodds*), “Bruxo” (-2,14 *logodds*), e “Lindo” (-2,24 *logodds*), conforme verifica-se na Tabela 2. Levando-se em conta todos os *types* contemplados nesse modelo estatístico, observou-se que o item léxico caracterizado pelo menor coeficiente angular, indicando o maior desfavorecimento em relação ao gênero neutro, foi “Esse” (-4.53 *logodds*), palavra que não foi observada nenhuma vez na forma neutra. A partir do resultado reportado, é possível depreender que o emprego do gênero neutro é desfavorecido de modo global, não apresentando estimativas positivas em relação a alguma palavra em específico.

4.3 Variável Metalinguística

De 260 ocorrências constituintes do fator Identidade, considerando-se todas as variantes de gêneros, observaram-se 23 ocorrências que fazem parte de tuítes nos quais se expressa alguma reflexão metalinguística ou comentário sobre gênero em português (ex: “Pronome neutro só existe na internet’ quem pensa isso só vive com pessoas binárias, pq eu uso bastante [...] **meus amigos** usam pronomes neutros comigo e com **mi namorade**, [...]”). A distribuição dessas ocorrências por gênero gramatical se observa abaixo, por meio da Tabela 3.

Tabela 3 – Ocorrências contendo reflexão metalinguística por gênero gramatical: Participantes A, B e C

| Gênero gramatical (Número de ocorrências/Total) | | | |
|---|--------------|------------|---------------|
| Masculino | Feminino | Neutro | Total |
| 6/142 (4,4%) | 9/57 (18,7%) | 8/61 (15%) | 23/260 (8,8%) |

Fonte: elaborada pela autora.

De acordo com a Tabela 3, 8,8% (23/260) das ocorrências referentes ao tópico Identidade fazem parte de alguma reflexão metalinguística, observadas 6 vezes de 142 (4,4%) no gênero masculino, 9 vezes de 57 (18,7%) no gênero feminino e 8 vezes de 61 (15%) no gênero neutro. Essas ocorrências aparecem nas amostras dos três participantes, embora sejam mais expressi-

vas na prática linguística do Participante C, em relação ao qual são observadas 18 (18/114) das 23 ocorrências constituintes de tuítes que apresentam reflexão metalinguística. Em relação aos participantes A e B, são observadas, respectivamente, 1 (1/94) e 4 (4/52) ocorrências referentes à prática metalinguística.

Com base nesses dados, evidencia-se que o Participante C se mostra mais engajado na discussão de questões metalinguísticas, compondo tuítes como “[...] n gosto de generalização com gênero masculino então falaria ‘**todes elus** ali’”, “ia criar uma *thread* falando da linguagem neutra, mas sou *flopado* [...]”, “**ela** n parece uma **professora**, não sabe diferenciar vogal temática de desinência” e “**agricultore**. não é complicado”⁴. Tais empregos caracterizam não apenas consciência acerca do funcionamento de gênero em português e de como pode ser feita a neutralização de palavras, mas também se apropriam de conhecimentos de língua para explicar sobre a linguagem neutra e ensiná-la por meio do Twitter.

Embora sejam observadas mais ocorrências referentes ao Participante C, é relevante apontar que os três participantes tratam ao menos uma vez de questões metalinguísticas nos tuítes analisados, apresentando em alguma medida consciência metalinguística no emprego da marcação neutra.

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo descrever o emprego da marcação neutra no Twitter, possibilitando um melhor entendimento sobre seu uso e funcionamento em situações comunicacionais reais, tendo em vista a comunidade que adere a essa variante e de que forma os fatores linguísticos delimitados podem vir a favorecê-la ou não. Podendo ser considerada uma prática linguística associada a pessoas de identidade de gênero não-binária e a membros da comunidade LGBTQIA+, bem como a seus apoiadores, o emprego da marcação de gênero neutro pode ser encarado como representação de resistência ao sistema binário de gênero, bem como meio de expressão de significados e valores próprios ao grupo em questão. Considera-se que esse grupo pode ser caracterizado em ambientes virtuais, como o Twitter, por meio das práticas empreendidas por seus membros, associadas a movimentos que promovem visibilidade, respeito e equidade de gênero às pessoas de identidade de gênero não-binária.

Dentre os fatores linguísticos considerados, mostraram-se estatisticamente relevantes a classe morfossintática Adjetivo, os tópicos Relacionamento Afetivo e Identidade e a Marcação de Referência Genérica em posição de favorecimento do emprego do gênero neutro.

O favorecimento da marcação neutra em relação à variável Identidade evidencia que os participantes se mostram engajados em discussões que abordam identidade de gênero e sexu-

4. Nesse exemplo, o participante tenta explicar como pode ser realizada a neutralização da palavra “agricultor”, conversando com outro usuário que desqualificava o emprego da marcação neutra devido à dificuldade de aplicá-la em palavras como “agricultor”, pois tornaria a palavra “irreconhecível”.

alidade, empregando a marcação de gênero neutro nesse contexto. Nesse sentido, o resultado obtido para o fator Identidade contribui para o entendimento acerca de como o gênero neutro pode ser utilizado como ferramenta para demarcar posicionamentos, relativos a pautas identitárias e a aspectos da identidade individual dos participantes. Complementar a isso, empregos metalinguísticos se mostraram presentes nas amostras referentes aos três participantes, evidenciando que é parte constituinte da prática do grupo na rede social discutir língua e emprego da linguagem neutra de modo a propor discussões acerca de como e porque a marcação neutra deve ser empregada.

Em relação à variável Item Lexical, não se observaram como resultados valores de coeficientes angulares positivos, que pudessem indicar que determinado item léxico atua em favor da marcação de gênero neutro. Ainda, as palavras mais marcadas com gênero neutro variaram conforme o participante, sendo “linde” e “amigue” em relação ao Participante A, “mi” e “namorade” em relação ao Participante B e “elu” em relação ao Participante C.

Além disso, foram constatados casos de variação na realização da forma neutra principalmente entre o pronome possessivo “meu”, realizado como “mi” e “minhe”, e casos de marcação de gênero neutro em palavras que não apresentam sufixo de gênero, como observado em duas ocorrências contendo a palavra “artiste”, referente à amostra do Participante B. A análise também permitiu verificar que os pronomes “Esse”, “Lo/o”, “Desse”, “Nesse” e “Deste” não ocorreram na forma neutra nenhuma vez, não sendo possível descrever de que modo o gênero neutro é empregado nesses casos.

Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir com futuros trabalhos voltados para o emprego do gênero neutro, considerando a relevância social e política desse tema atualmente. Tem-se em vista que, ao discutir questões acerca da linguagem neutra por uma perspectiva linguística e científica, torna-se possível atuar contra o imaginário linguístico que reproduz e conserva preconceitos contra a comunidade LGBTQIA+, apoiando a desmistificação de uma noção de língua imutável, sujeita a estar “certa” ou “errada”.

Referências

BALDEZ, Diovana da Silveira. *O uso da marcação de gênero neutro no Twitter por uma perspectiva sociolinguística*. 2022. 151f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Projetos de lei contrários à linguagem neutra no Brasil. In: BARBOSA FILHO, F. R.; OTHERO, G. *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 141-160.

BERNINI, Lorenzo. Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*. Natal. v. 5, n. 6, p. 15-47, 2011.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of practice: Where language, gender and power all live. In: *Locating power: Proceedings of the second Berkeley women and language conference*. Berkeley, CA: Berkeley University, 1992a. p. 89-99.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 21, p. 461-490, 1992b.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. (1972) São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. A estrutura da língua e a criação de gênero neutro. *Roseta*, v. 4, n. 1, 2021.

RIO DE JANEIRO. Câmara Municipal. *Projeto de Lei nº 2013/2020, de 3 de dezembro de 2020*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <http://aplicnt.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/249cb-321f17965260325775900523a42/bf0a484f271ce6950325863100652920?OpenDocument&Start=1.1.1&Count=80&collapse=1.1.1>. Acesso em 26 abril 2023.

SANTANA, Mauro Simões de. O gênero neutro: pintando o português para a luta. *Diversidade e Educação*, v. 9, n. 2, p. 695-710, 2021.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Predizibilidade da marcação de gênero em substantivos no português brasileiro. In: CARVALHO, D.; BRITO, D. *Gênero e língua(gem): formas e usos*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2020a. p. 279-294.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020b.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (1968) São Paulo: Parábola, 2006.